

A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA SOBRE HISTÓRIA DE ANGOLA*

Aurora Fonseca Ferreira
Ana Paula Ribeiro Tavares
Centro Nacional de Documentação e Investiga-
ção histórica. Secretaria da Cultura, Angola

A questão da Diversidade e a necessidade da Interdisciplinaridade das Ciências Sociais no Estudo da História.

A história-ciência é o instrumento que procura interpretar e explicar a história-passado das sociedades humanas no seu processo de desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural dentro de um contexto espaço-temporal.

Os homens no seu espaço vivencial são reflexo do colectivo social, embora individualizados. Em todas as perspectivas em que se estudem os homens, o homem estará sempre no seu contexto social. A dimensão social dos homens é o objecto mais geral das Ciências Sociais.

Enquanto indivíduo, o homem está integrado no seu tempo; na época ou momento em que vive num determinado espaço geográfico, comunica-se com outros utilizando uma linguagem expressiva; produz de acordo com as possibilidades dos meios técnicos e materiais; relaciona-se com outros elementos sociais; age e individualiza-se de acordo com os seus valores éticos e culturais, reflectindo os valores sociais. Cada um destes aspectos justifica a especificidade de objectos, métodos e técnicas para estudar o homem social, que explicam a diversidade das Ciências Sociais: a História; a

* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda sobre "Cultura Africana" no primeiro Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos promovido pela ALADAAB,, realizado na USP em novembro de 1984.

Geografia; a Linguística; a Economia; a Sociologia; a Psicologia; o Direito, etc.

Cada uma delas isoladamente, traçada uma hipótese, definindo o método e as fontes a utilizar, chega a conclusões isoladas, parciais. Muitos anos seriam necessários para que se chegasse à harmonização dos diferentes dados na interpretação dos diversos fenômenos — situações sociais — que contribuem para o estudo da história.

A etnologia e/ou antropologia (não vamos discutir aqui essa terminologia polêmica) tem como objecto a "História dos povos sem história", utilizando a expressão crítica de Henri Moniot. Assenta a sua especificidade no método da análise da tradição oral, partindo de técnicas próprias de recolha de fontes e preocupa-se com a história dos povos "sem escrita".

A linguística, utilizando o método comparativo e indutivo seria uma fonte da história, para o estudo das migrações, das sociedades com afinidades culturais.

A geografia joga um papel importante, por demais evidente como fonte para a história, em sociedade onde a ação dos grupos humanos, embora intervindo e transformando a paisagem, dela dependem, quase inteiramente, para sobreviver.

O passado é vasto. O estudo do processo histórico, seu desenvolvimento desde a origem do homem até o presente não apresenta, uniformemente, os mesmos recursos de fontes.

A complexidade da sociedade, na sua interligação dialéctica entre a base e a superestrutura, não pode apresentar métodos comuns para a interpretação mais aproximada do todo social, em cada etapa histórica.

Variam as fontes, técnicas e métodos para os diversos momentos ou tempos históricos, pelo que, para o estudo do passado, os recursos são todos os possíveis.

Num mundo em transformações rápidas, a lentidão destas formas de trabalho foram sendo questionadas. A coordenação de trabalhos, projectos ou programas de pesquisa interdisciplinares e em equipas, são praticados como métodos de investigação.

Os historiadores polacos designam estes movimentos concertados com o cómodo nome de "estudos complexos", informa-nos Fernand Braudel e especifica o que se entende por esse "estudos complexos ao transcrever a seguinte opinião: "Entendemos por esta denominação — precisa Aleksander Gieysztor — o trabalho de diferentes especialistas sobre um tema limitado por um, dois ou três princípios de classificação dos fenômenos sociais: geográfico, cronológico ou conforme a própria natureza do tema"¹.

¹ BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*, Ed. Presence, 2ª edição, Lisboa, 1976, p. 256.

Nos E. U. A. a aproximação entre as Ciências Sociais realizou-se através de investigações, coletivas, as "area studies". E na França, "um movimento semelhante teve como precedente as semanas de síntese de Henri Berr"².

Reconhecendo porém ser difícil a aproximação entre investigadores, F. Braudel exprime ainda a sua concordância com a orientação do C.N.R.S. (Centre National de Recherches Scientifiques), pelo facto de "Maison des Sciences de l'Homme, reagrupar num só conjunto todos os centros e laboratórios válidos em Paris sobre tão amplo tema"³.

As pesquisas colectivas, o trabalho interdisciplinar entre as diversas Ciências Sociais e as contribuições de cada uma no enriquecimento de um estudo global, tem sido objecto de encontros entre investigadores. Mais recentemente, em Maio de 1975, foram temas apresentados no Colóquio da Escola Normal Superior Saint-Cloud, sobre a *História Social*.

E na edição portuguesa, Victorino Magalhães Godinho, director da "Coleção Coordenadas" que publicou o colóquio, opina, no mesmo sentido, quando diz:

"Ambicionamos realizar aqui o encontro de todas as ciências humanas porque todas são necessárias a elucidar os problemas que os homens defrontam. Da psicologia e da sociologia à linguística e à economia, incluindo a etnologia e antropologia social e cultural, a história e a geografia humana, a demografia e a politicologia, sem esquecer os projectos da prospectiva, essa apaixonante escrutação do futuro, que os homens podem edificar, ou que se lhes vai impôr. Diversidade que é a diversidade dos modos de abordar as questões, dos caminhos para ir descobrindo as soluções, dos ângulos onde incidem as luzes da ribalta; mas diversidade convergente para a unidade do problema a resolver que é só o que importa.

Pois não se trata de, não interessa distinguir ciências cada qual com um campo de aplicação bem demarcado, ciosa dos seus métodos, que não quer ceder às outras e que se orgulha de não ter ido beber a outras.

O objecto de todas elas coincide: é o homem, são os homens singular e plural que não passam de duas facetas de uma realidade única, una; a panóplia metodológica, o ferramental de técnicas de pesquisa, tudo isso é patrimônio comum que convém passe de mão em mão, adaptando-se aos géitos diferentes do manejo de cada artefacto"⁴.

O historiador marxista E. Zhukov, na sua obra *Metodologia de la História* (1968) diria sobre a ciência histórica e seu desenvolvimento:...

2 BRAUDEL, op. cit., p. 257.

3 BRAUDEL, op. cit., p. 259.

4 in *A História Social. Problemas, fontes e métodos*, Colóquio da Escola Nacional Superior de Saint-Cloud (15-16 de Maio de 1965). Ed. Cosmos, Lisboa, 1973, pp. 15-16.

"Em nossos dias vão-se tornando complexas as tarefas da ciência histórica e, portanto, as dos historiadores.

A história figura entre as disciplinas sociais que não podem deixar de estar na primeira linha (entre as principais) da lista ideológica"⁵

Nos últimos anos, a especialização dos historiadores fracciona-se cada vez mais. Surgem inteiramente afastadas das ciências históricas, tendendo não só à "autodeterminação", mas também a uma determinada autonomia. Aceitando esta posição como natural no processo de desenvolvimento do conhecimento, acrescentará, no entanto que "o desenvolvimento objectivo da ciência histórica está interligado, também aos processos de integração. A complexidade dos objectos de investigação concreta requer dos historiadores de distintas especialidades que cooperam constantemente para formular em comum, focando de modo especializado os diversos aspectos e facetas do objecto em estudo, assim como a sua caracterização mais plena e objectiva. Na ciência histórica soviética houve não poucas intenções felizes de sintetizar os dados de distintas disciplinas históricas (por exemplo a história, a arqueologia, a etnografia, os estudos orientais).

De igual modo, a dialéctica da diferenciação e integração na esfera do conhecimento do passado, apresenta exigências elevadas aos próprios historiadores. Não obstante toda a importância e necessidade de especialização, o historiador marxista não pode enclausurar-se por completo no marco dos seus interesses específicos estreitamente profissionais"⁶.

A evolução da ciência histórica nos seus métodos e técnicas de pesquisa está intimamente ligada à mudança na conceptualização, para a qual muito contribuiu a necessidade de conhecer e compreender a história africana.

"Há cerca de quinze anos produziu-se uma profunda transformação dos instrumentos de trabalho e hoje admite-se de bom grado a existência de fontes utilizadas mais particularmente para a história da África: geologia e paleontologia, pré-história e arqueologia, paleobotânica, palinologia, medidas de radioactividade de isótopos capazes de fornecer dados cronológicos absolutos, geografia física, observação e análise etno-sociológicas, tradição oral, linguística histórica ou comparada, documentos escritos europeus, árabes, hindus e chineses, dados económicos ou demográficos que podem ser processados electronicamente", informa T. Obenga⁷.

As mais diversas fontes devem ser utilizadas na pesquisa histórica porquanto, como afirma ainda Obenga (para quem "a história é uma visão

5 ZHUKOV, E., *Metodologia de la historia*, Academia da URSS, Moscou, 1982, p. 223.

6 ZHUKOV, op. cit., pp. 224-225.

7 OBENGA, T., *Fontes e técnicas específicas da história de África*, in *História geral de África I. Metodologia e pré-história de África*, África, UNESCO, 1982, p. 91.

do homem actual sobre a totalidade dos tempos”), “uma certa profundidade temporal só pode ser assegurada pela intervenção simultânea de diversos tipos de fontes, pois um certo facto isolado permanece por assim dizer, à margem do movimento de conjunto”⁸.

A prática da interdisciplinaridade, uma das prioridades na metodologia para o conhecimento da história de África, além de outras como o seu estudo visto de uma perspectiva interna Africana, considerado no seu conjunto e evitando a descrição factual, enunciada por J. Ki-Zerbo⁹, é a orientação geral metodológica e o enfoque da História Geral de África.

Algumas Interrogações Sobre a Pesquisa a Respeito da História de Angola

O conhecimento e divulgação da História de Angola é, há muito, preocupação de alguns angolanos. Alberto de Lemos, enquadrado no contexto histórico da sua época é exemplo disso. O sistema político, económico, social e cultural em que viveu condicionou a sua concepção de história. Cabe porém ao investigador analisar criticamente esse tipo de história, como fonte de informação. Demonstrou, contudo, a preocupação de gravar e informar.

Anos mais tarde surgia uma nova história de Angola, editada pelo Movimento Popular de Libertação de Angola, elaborada num momento histórico de luta pela libertação da dominação colonial portuguesa, a perspectiva da *História de Angola*, reflete a preocupação de informar e formar a consciência dos angolanos. Cidadãos de uma pátria que foi sendo forjada por todos os povos do espaço territorial angolano, enquanto resistiam à ocupação, exploração e dominação do poder colonial.

Num momento de reconstrução nacional e de luta pela independência económica, novas condições estão (ou deviam ser) criadas para o estudo da história de Angola.

Várias perspectivas se nos põem, quando quase tudo está por fazer. Poucos dados possuímos que façam luz sobre as situações, as transformações, que, do ponto de vista interno, se operaram entre (com) os povos que habitam o território, hoje República Popular de Angola.

É frequente a pergunta: Quando é que temos uma história de Angola?

Interrogamo-nos então e com certa apreensão, sobre que história se fala: História política? História económica? História Social? História de cada povo que integra o espaço geográfico Angola? Ou do passado a partir do momento em que se poderá considerar Angola como entidade geográfica, político-administrativa e cultural?

8 Ibidem.

9 J. KI-ZERBO, historiador africano, coordenador do Iº Volume da História de África.

Poderá a pergunta conter a preocupação de um conhecimento de todo o passado o que nos parece pouco provável. Essa obra, mesmo geral, irá resultar talvez na síntese de muitos trabalhos (delimitados em períodos, espaços geográficos, etc., de acordo com os objectivos que se pretendem atingir).

Por onde começar? O que fazer?

As “*Orientações Fundamentais para o Desenvolvimento Económico-Social, Período 1981-85*” estabelecem:

“No domínio da Investigação sobre a história e Cultura” a elaboração de “uma metodologia de Investigação até fins de 1982, sobre a cultura, a história e as formas de organização tradicionais do Povo angolano”¹⁰.

Continuando ainda a citar “que se estabeleça com a Universidade de Angola, uma unidade programática e metodológica de investigação, unindo o mais possível a investigação ao ensino”¹¹. Todas as outras orientações decorrem das enunciadas.

Os programas de pesquisa e o método de trabalho nas suas linhas mais gerais, estão pois definidos: “Cultura, história e formas de organização tradicionais do povo angolano”, englobam, numa expressão, todo o passado e presente social de Angola, objectivo estratégico e geral, a longo prazo. Torna-se assim necessário estabelecer projectos bem definidos, visando tal objectivo.

Estabelecido também o método mais geral de trabalho, em consonância com a Universidade de Angola, igualmente, se torna necessário definir formas de trabalho “mais restritas”, a nível dos organismos (C.N.D.I.H.; LANA, etc.) de uma mesma estrutura (Secretaria de Estado da Cultura); entre si ou dentro do mesmo organismo.

Duma breve análise das orientações, põem-se-nos de imediato três grandes questões:

- As prioridades a definir
- Os métodos de trabalho a utilizar
- Perspectivas para a pesquisa em História de Angola, tendo em conta a situação actual.

10 *Orientações Fundamentais para o Desenvolvimento Económico e Social da República Popular de Angola Período de 1981-1985*, I Congresso Extraordinário do MPLA-Partido do Trabalho, 17-23 — Dezembro — 1980. p. 128.

11 Ibidem.

Apontaremos a título de exemplo, alguns projectos de prioridades a definir.

Unindo a investigação ao ensino, entendido no sentido da investigação servir ao ensino (a título de exemplo), pode responder-se aos programas de História do ensino de Base — III Nível e Médio.

Para conclusão do programa de História, iniciado na 7ª classe, dele consta, sem manual ou material de apoio, unidades sobre Angola que se estendem aos séculos XIX e XX, e em temática compreendem a situação das sociedades africanas antes da ocupação e da situação de colónia; a implantação do sistema colonial — económico-social, político e cultural; o movimento de desintegração do sistema —; das origens do Nacionalismo angolano à independência, até à resistência contra a agressão imperialista (2ª guerra de libertação).

A vastidão deste programa é uma consequência do desconhecimento da História de Angola, mesmo ao nível do que existe da "Historiografia colonial", reflectindo, por isso, a necessidade de inúmeros estudos, de modo a permitir a delimitação da matéria ao nível de ensino pretendido.

No sentido de um projecto de investigação aplicada e de desenvolvimento, definidas pela C.R.E.S. (Comissão de Reformulação do Ensino Superior) com as quais estaríamos de acordo, o C.N.D.I.H. elaborou, como programa para 1982, o estudo do corredor Malange-Luanda, na 2ª metade do século XIX, partindo do interior para o litoral. Iniciaríamos com um estudo sobre os Bângalas.

A escolha deveu-se ao facto do CDª Presidente José Eduardo dos Santos ter anunciado vários projectos para Malange, província onde se pretendia fazer "uma nova experiência" de "uma perfeita sincronização entre os esforços que são feitos pelas autoridades provinciais do Partido ou do Estado e os esforços que são feitos pelo governo central, pelo Secretariado do Comité Central, etc."¹², no programa de desenvolvimento económico-social. Um tal projecto implicaria, consequentemente transformações não só sócio-económicas como também culturais e demográficas. Entre os vários projectos, o CDª Presidente José Eduardo dos Santos anunciou o da construção de uma barragem hidroeléctrica em Kapanda¹³. Esses trabalhos afundariam a localidade das pinturas. Era urgente procurar registrar ou arranjar forma de as conservar, caso essas informações se confirmassem.

Convinha assim, estudar a região. Esse projecto de investigação requeria, e deveria ser um trabalho de equipa e interdisciplinar, de âmbito

12 *Discurso* pronunciado pelo Camarada Presidente José Eduardo dos Santos na reunião com os responsáveis do Partido e do Governo de Malange, in "*Discurso*" 2, 1982, p. 18.

13 *Discurso* pronunciado pelo Camarada Presidente José Eduardo dos Santos no Comício em Malange, op. cit., p. 24.

14 Possuíamos uma informação oral sobre a existência de Pinturas Rupestres nesta região, Kapanda.

etnográfico, arqueológico, geográfico e geológico, sociológico, linguístico e histórico. Os estudos não só visavam o registro, conservação e conhecimento do passado oral e material, como ainda forneceriam elementos ao próprio projecto de desenvolvimento da Província.

De um nível regional-continental, um outro projecto seria, por exemplo, o de integração no C.I.CI.BA. (Centro Internacional de Civilizações Bantu). A nossa participação aproveitaria as disponibilidades técnicas e financeiras do Centro.

Este Centro preconiza a recolha documental com o objectivo de preparar um colóquio internacional sobre as migrações dos povos bantu, resultando desse trabalho "um inventário informatizado de trabalhos disponíveis e um arquivo de documentos periféricos referentes aos mesmos".

O colóquio que "reunirá especialistas de linguística bantu, história, arqueologia e outras disciplinas afins", fará o balanço e apreciação "do estado dos estudos, metodologia, teorias, elaboradas até à data sobre as migrações e expansão bantu, para a partir daí delinear um novo programa de pesquisas."

Uma preocupação que, por exemplo, nos tem sido apresentada é a da elaboração de uma História de Angola para a formação da consciência nacional.

Esta formação pode ser analisada do ponto de vista do ensino regular e a nível da divulgação pública. No ensino é aplicada através do cumprimento do programa de História. Responde por isso a essa preocupação o primeiro exemplo apresentado. Relevamos, no entanto, a responsabilidade do tratamento pedagógico dos trabalhos de pesquisa a serem utilizados nos diversos níveis, ao C.I.P..

Os mesmos trabalhos seriam, para divulgação pública, reelaborados de acordo com objectivos a atingir: informação e educação massiva.

Queremos, contudo, salientar que os temas sobre Angola, quaisquer que sejam, no âmbito das Ciências Sociais, contribuem para o conhecimento da História de Angola.

São da esfera de Investigação do passado, fazendo parte da História tanto trabalhos sobre a história das Culturas e Cultura de Angola, como trabalho sobre as "instituições jurídicas tradicionais" dos povos de Angola ou sobre formas de organização social das sociedades "pré-coloniais angolanas, etc.."

Vários outros exemplos, poderiam ser dados no sentido de demonstrar as muitas possibilidades de trabalho com essa preocupação.

Parece-nos que a questão não está num programa para a formação da consciência nacional. O que está em causa é a urgência da pesquisa e estudos sobre História de Angola na medida em que contribuem para a formação da consciência nacional. (Sem esquecer que cada trabalho é reelaborado, de acordo com o objectivo que pretende atingir).

Os projectos em programas são estabelecidos, como é óbvio, a partir do conhecimento da situação actual dos problemas que enfrenta a pesquisa.

A investigação no domínio da História e outras Ciências Sociais é atribuição de duas estruturas: Educação e Cultura. Na Educação, cabe à Universidade — Faculdades e CNIC, instituições vocacionadas para o efeito, a sua prática. Na SECULTURA, de uma forma geral, são quatro os organismos com funções no domínio da Investigação: LANA, C.N.D.I.H., I.N.L. e DINARTE.

A pesquisa, como toda a actividade social, tem como agentes fundamentais os homens. As funções são apenas atribuições. O problema dos quadros para a pesquisa, pensamos ser um dos mais preocupantes.

Relativamente à SECULTURA, que melhor conhecemos, existe dispersão, ou melhor, descentralização de pesquisa por vários organismos. Cada um dos organismos tem um ou dois técnicos formados num dos ramos das Ciências Sociais de acordo com o objectivo da Instituição.

As funções desses quadros são, na maior parte das vezes, de direcção e administração, sem possibilidades de trabalho de pesquisa, que exige concentração e não dispersão por várias actividades.

Alguns organismos têm ainda outras atribuições para além da investigação. O C.N.D.I.H., por exemplo tem, como actividades básicas para a Investigação, a conservação, organização, tratamento e divulgação da documentação, como fontes para a pesquisa.

Além dos técnicos enquadrados nos organismos, mais alguns existem, embora poucos, como colaboradores ou responsáveis de outros sectores.

A maioria dos quadros existentes estudou no estrangeiro, sem formação marxista. A auto-formação e superação (que se esforçam por levar a cabo) não pode ser satisfatória quando se encontram isolados e dispersos, assoberbados pelas tarefas diversificadas, tudo isto agravado pelas dificuldades de subsistência.

O número deficiente de técnicos para a Investigação, manter-se-á durante muitos anos ainda, porquanto não há perspectiva de formação de quadros nos domínios das Ciências Sociais, senão no exterior do país. E ainda neste caso as dificuldades são inúmeras devido a diversos factores.

A educação contempla apenas a formação nas áreas das Ciências Sociais, de docentes para o nível médio (I.N.E.S.) e para nível superior (I.S.C.E.D.).

A dispersão das instituições e dos poucos quadros para a investigação, igualmente se manterá ou tenderá mesmo a agravar-se devido ao isolamento em que se encontram.

A continuidade das funções afastá-los-á cada vez mais da investigação e a falta de prática de discussão de trabalho em nada contribuirá para o

enriquecimento e conhecimento do trabalho; as dificuldades de subsistência aumentam a incomunicabilidade. As dificuldades de aquisição de bibliografia e de participação em encontros científicos internacionais, privam-nos do contacto com o desenvolvimento dessas ciências.

Nestas condições se poderá perceber a situação actual da pesquisa. No entanto existem alguns pequenos trabalhos que precisam de ser analisados e discutidos. Mas, quando e com quem, se o seu organismo tem apenas uma ou duas pessoas, se cada organismo tem os seus trabalhos e existem dificuldades de coordenação e mesmo de deslocação?

Não queremos ser pessimistas, mas apenas situarmo-nos para, com conhecimento das dificuldades, pensarmos em projectos mais objectivos.

Para nós, as perspectivas de trabalho que possibilitam iniciar a pesquisa, com garantia de continuidade de uma produção intelectual regular, no conhecimento da História de Angola, passam por:

1—Necessidade de organização de trabalhos interdisciplinares e em equipas, mais fáceis de se resolver, se concentrada a investigação numa instituição.

2— Participação dos estudantes quer a nível de levantamento de fonte, quer a nível de trabalho de pesquisa, orientados por professores das diversas áreas das Ciências Sociais.

3— Formação de especialistas nos vários domínios, superação dos quadros existentes e de novos quadros dentro e fora do país.

4— Dinamização de uma Faculdade para a formação de quadros superiores para a investigação e docência nos domínios das Ciências Sociais.

5— Continuação do levantamento de fontes e sua divulgação.

6— Estabelecimento de plafone para a aquisição de bibliografia actualizada.

Os problemas aqui levantados não esgotam (nem era esse o nosso objectivo) assunto tão amplo como "A problemática da pesquisa em História de Angola".

Pensamos que um primeiro encontro, alargado a investigadores, estudiosos e mesmo responsáveis por instituições directamente ligadas à História de Angola, será lugar privilegiado para o levantamento e discussão de muito mais ampla problemática, que o assunto (que embora novo é já "tradicionalmente polémico") não só merece, como impõe; urge encarar e começar...

As questões aqui afloradas, advém de uma longa reflexão e troca de impressões com especialistas e investigadores de vários ramos das Ciências Sociais, mas (e sobretudo) da especificidade do trabalho do organismo a que estamos ligadas.

Resta-nos propôr então, o alargamento da discussão, e que daí nasçam contribuições válidas para o estudo da História de Angola.

Referências Bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand, *História e Ciência Sociais*, Editorial Presence, 2ª edição, Lisboa, 1976.
- COMISSÃO de Reformulação do Ensino Superior (C.R.E.S.), *Documento de Estudo nº 1 (DEST/1)*, Ministério de Educação, Luanda, 1982.
- CONGRESSO Extraordinário do MPLA-Partido do Trabalho, 17/23 Dezembro — 1980, *Orientações Fundamentais para o Desenvolvimento Económico-Social da República Popular de Angola Período de 1981-1985*, Edição do Secretariado do Comitê Central, I. N. (Luanda), 1981.
- FAZER *história/Novos Problemas*, Colectânea, apresentação de Jacques Le Gott e Pierre Nore, ed. portuguesa Livraria Bertrand, SARL, Amadora, 1977.
- FEBVRE, Lucien, *Combate pela História I e II*, Editora Presença, Lisboa, 1977.
- A *HISTÓRIA Social Problemas, fontes e métodos*, Colóquio da Escola Normal Superior de Saint-Cloud (15-16 de Maio de 1965), Edições Cosmos, Lisboa, 1973.
- PROGRAMA de História 9ª classes dos Institutos Normais de Educação (INE).
- SANTOS, José Eduardo dos (Presidente), *Discursos*, Edição do Departamento de Informação e Propaganda do Comitê Central, 2. Edição trimestral, Abr./Mai./Jun./1982.
- UNESCO, *História Geral de África*. I. Metodologia e pré-história africana, coordenador do volume J. Ki-Zerbo, ed. Ática, UNESCO, 1982.
- ZHUKOV, E., *Metodologia de la história*. Ed. Academia de Ciências de la URSS, Moscú, 1982.